

## MORIAE ENCOMIUM: TRADUÇÃO BILINGUE JUSTAPOSTA LATIM-PORTUGUÊS

Alexandra de Brito Mariano<sup>1</sup>

### Resumo

Cinco séculos passaram desde que o *Elogio da loucura* (1511) foi editado pela primeira vez. Erasmo (c. 1469-1536) não previu a fortuna da sua obra, cuja modernidade tem perdurado ao longo dos tempos, e o apreço que lhe têm devotado sucessivas gerações de leitores. Pretendemos neste artigo dar a conhecer de forma breve o percurso de *Moriae Encomium*, inserindo-o na tradição de que faz parte, relembrar as traduções quinhentistas para várias línguas vernaculares e determo-nos na edição bilingue com tradução da nossa responsabilidade. Neste particular, apresentaremos os critérios metodológicos adotados, a edição de referência seguida, entre outras, alguns aspectos linguísticos e dificuldades tradutórias, bem como opções e escolhas vocabulares.

**Palavras-chave:** Neolatim. Elogio da loucura. Erasmo. Tradução.

### Abstract

Five centuries have passed since *Praise of Madness* (1511) was first edited. Erasmus (c.1469-1536) did not foresee his work's fortune and that its modernity would last through the ages, gathering the appreciation of successive generations of readers. Our work is meant to highlight *Moriae Encomium's* historical course, inscribing it in a distinct literary tradition, by recalling 16th-century translations into a number of vernacular languages, as well as focusing on the bilingual edition of our own translation. Regarding this particular aspect, we will present methodological criteria adopted, reference edition used and, among others, some linguistic issues and translation difficulties, as well as vocabulary and discursive choices.

**Keywords:** Neo Latin. *Praise of Madness*. Erasmus. Translation

*O cavalo defende-se com os cascos, o cão com os dentes, o boi com os chifres [...]; quanto a mim, não tinha senão a caneta de que sempre desejei me fosse permitido mantê-la sem a sujar de sangue.*  
Erasmo, *Ep.* 244<sup>32</sup>

Na carta enviada ao cardeal Jacopo Sadoleto em Março de 1531<sup>3</sup>, Erasmo recorre a uma série de símiles, descrevendo a sua atividade de escrita num tom

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve (Portugal). abmariano@gmail.com

\* Todos os URL foram acedidos em outubro de 2018. Todos os excertos e citações do *Elogio da loucura* (EL) são da nossa edição (cf. Referências).

<sup>2</sup> *Equussetuetur calcibus, canis dente, bos cornibus [...]: mihi nihil erat praeter calamum, quem semper optaram ut perpetuum incruentum haberet liceret.* ERASMUS, Desiderius. **Opus epistolarum.** Denuo recognitum et auctum per P. S. Allen et al. Oxonii: in typographeo Clarendoniano, 1938. v. 9, p. 161.

guerreiro. Se cinco anos antes de falecer se socorre destas imagens bélicas, motivadas em grande medida pelas disputas resultantes da questão luterana e do seu diálogo *Ciceronianus* (1528), desde cedo, porém, o humanista se viu envolto em polémicas, lutando pela compreensão e aceitação das ideias que defendia nas suas obras. *Moriae encomium* não foi exceção. Publicada em 1511, mas escrita dois anos antes sobretudo como distração, enquanto o autor se encontrava retirado na casa de campo do ilustre estadista More a convalescer, e dedicada a este seu amigo, tornou-se uma das obras erasmianas mais criticadas e, simultaneamente, a mais famosa e de maior projeção.

O livro, como se sabe, satiriza a sociedade contemporânea e muitos dos seus mais lídimos representantes, e nele Erasmo plasma os elementos fundamentais do seu programa de reforma. É também de uma profunda ironia, patente, desde logo, no próprio título que joga com o trocadilho do apelido de Thomas (More) e tece, simultaneamente, um encómio à loucura<sup>4</sup>.

Tal como sucede com outras grandes obras literárias do Renascimento, *Moria* retoma e adapta uma forma literária clássica a temas coevos, quer de índole teológica, quer de carácter social, quer de matriz literária, herdados da Idade Média. *O Elogio da loucura* é, aliás, o exemplo mais famoso e o melhor guia para esta forma clássica que Erasmo foi o primeiro humanista a fazer reviver, o elogio paradoxal. Na sua carta-prefácio<sup>5</sup>, procurando defender a obra e escudar-se contra as acusações de leviandade que lhe foram imputadas pelos seus conterrâneos, por ter escrito um texto considerado impróprio de um estudioso sério, o autor cauciona o assunto da sua obra numa longa tradição:

Em boa verdade os que se ofendem com a ligeireza e o ridículo do assunto deveriam lembrar-se que não é meu o primeiro exemplo, mas que já antes grandes autores o trataram. Há muitos séculos, Homero divertiu-se com a Batracomiomaquia<sup>6</sup>; Virgílio com O mosquito e O almodrote<sup>7</sup>, e Ovídio com a Noz<sup>8</sup>, Polícrates elogiou Busíris que Isócrates criticou<sup>9</sup>, Gláucón fez o elogio

<sup>3</sup> Trata-se da resposta à *Ep.* 2385 enviada de Friburgo em 7 de Março de 1531. *Ibid.*, p. 254. Das primeiras quatro décadas do séc. XVI, chegaram até nós cerca de 3200 cartas da correspondência de Erasmo, trocadas com mais de 700 pessoas. Cf. KUDELLA, Christoph. Erasmus and the Sixteenth-Century *Respublica Litteraria*: Of Letters, Data, and Networks. *Oxford: Cultures of Knowledge Seminar Series*, nov. 7, 2013. Disponível em: <[http://www.culturesofknowledge.org/?page\\_id=4472](http://www.culturesofknowledge.org/?page_id=4472)>

<sup>4</sup> *Moria* é o vocábulo latino que corresponde à transliteração da palavra grega para “loucura”. A 1.ª edição de *Moriae encomium seu laus stultitiae* está disponível em edição eletrónica na *Bibliotheca Augustana* (ver Referências).

<sup>5</sup> Trata-se da *Ep.* 222. Cf. ERASMUS, Desiderius. **Opus epistolarum**. Denuo recognitum et auctum per P. S. Allen et al. Oxonii: in typographeo Clarendoniano, 1938. v. 9, p. 459-462.

<sup>6</sup> As notas 5 a 16, que reproduzimos da nossa edição, permitem desde logo atestar a enorme erudição de Erasmo e também perceber as dificuldades que se colocam na tradução de uma obra desta natureza. Βατραχομυομαχίαν no original, i.e. *Combate das rãs e dos ratos*: obra de 303 hexâmetros, de carácter épico-paródico, atribuída erroneamente a Homero.

<sup>7</sup> Ambas as obras, incluídas no *Appendix Virgiliana*, costumam ser atribuídas a Virgílio como obras menores da juventude. *O mosquito (Culex)* é um poema épico em hexâmetros e *O almodrote (Moretum)* – espécie de molho originário da gastronomia sefardita, e presente na cozinha espanhola até ao séc. XVII, feito com azeite, alho, queijo e ervas – apresenta um camponês preparando-se para a faina agrícola do mesmo modo como o faria um herói épico, daí o tom de paródia.

<sup>8</sup> *Nux* é um poema escrito em dísticos elegíacos, falsamente atribuído a Ovídio, em que uma noz nos apresenta a sua desditosa existência.

<sup>9</sup> Polícrates foi um orador ateniense (séc. IV a.C.) que compôs um elogio a Busíris, um lendário tirano egípcio que teria ordenado a morte dos estrangeiros que entravam no seu reino e que terá morto Hércules.

da injustiça<sup>10</sup>, Favorino louvou Tersites e a febre quartã<sup>11</sup>, Sinésio a calvície<sup>12</sup>, Luciano a mosca e o parasita<sup>13</sup>. Enquanto Séneca compôs a apoteose<sup>14</sup> de Cláudio, Plutarco colocou em diálogo Ulisses e Grilo<sup>15</sup>, Luciano e Apuleio divertiram-se cada qual com o seu burro<sup>16</sup>, e alguém, não sei quem, com o testamento de um leitão chamado Grúncio Corocotta, a que até S. Jerónimo faz menção<sup>17</sup>. (EL:19).

Na sua listagem, Erasmo inclui textos que não são estritamente pertencentes ao género “encómio paradoxal”, tais como obras narrativas (Homero, Virgílio, Séneca, Apuleio), dialógicas (Plutarco) e testamentárias (o testamento de Corocotta)<sup>18</sup>. O *paradoxon enkomion* tem sido definido como uma declamação “em que os legítimos métodos do encómio são aplicados a pessoas ou objetos que são eles próprios obviamente indignos de elogio, porque são triviais, feios, inúteis, ridículos, perigosos ou viciosos”<sup>19</sup>. Ora em *Moria*, Erasmo recorre magistralmente à ironia: coloca a Loucura a definir a forma literária que vai empregar dissociando-a dessa mesma forma e apresenta exemplos, referindo que não faltam oradores (diz ela) que tenham escrito “rasgados elogios” a assuntos tão nocivos e mesquinhos como “Busíris e Fálaris, a febre quartã, as moscas, a calvície<sup>20</sup>” (EL: 25).

São várias as fontes clássicas a que Desidério Erasmo vai beber a sua inspiração e que se espelham na erudição das falas da Loucura. Virgílio e Homero, especialmente na primeira parte, para simular um tom de elevação heróica. Os padrões retóricos de Quintiliano vislumbram-se nos níveis de ironia de *Moria* (bem

---

Isócrates (436-338 a.C.), no seu discurso *Busiris* critica Polícrates pelo facto deste elogiar um personagem tão condenável.

<sup>10</sup> Gláucon, irmão de Platão, teria escrito, segundo Diógenes Laércio, vários diálogos e um deles sobre a injustiça, a crer no próprio Platão que o faz figurar como interlocutor na *República* (cf. *Resp.*, II, 2).

<sup>11</sup> Favorino de Arelate (Arles), orador romano do séc. II d.C. cujos textos não chegaram até nós, encarna o indivíduo disposto a defender o indefensável para mostrar a sua capacidade de persuasão e o brilho dos seus argumentos. Um dos seus discípulos, Aulo-Gélio, refere (cf. *Noct. at.*, XVII, 12, 1-2) que se atreveu a falar da febre quartã (a que torna a aparecer após quatro dias) e de Tersites, personagem que Homero descreve como paradigma da fealdade (*Il.*, II, 216-20).

<sup>12</sup> Sinésio de Cirene (c. 370-413 d.C.), poeta e bispo, discípulo de Hipácia, escreveu, entre outras obras, o *Elogio da calvície*, inspirado como refere na introdução na sua própria alopecia.

<sup>13</sup> Luciano (120-c. 180 d.C.), escritor grego considerado um dos maiores génios satíricos, escreveu o *Elogio da mosca* e *O parasita* a que Erasmo faz referência.

<sup>14</sup> Ἀποθέωσιν no original. Refere a sátira composta por Séneca (4-65 d.C.), escrita após a morte do imperador Cláudio, com o título *Apocolocyntosis* i.e., passe a expressão, “A aboborização” em que retrata em tom sarcástico e paródico a transformação do imperador em abóbora.

<sup>15</sup> Alusão ao diálogo composto por Plutarco intitulado *Sobre se os animais utilizam a razão*, inspirado, por sua vez, no conhecido episódio da *Odisseia* (X, 229ss.), em que Circe transforma em porcos alguns companheiros de Ulisses, de que Erasmo destaca Grilo. Plutarco emprega este material para defender que a condição dos brutos é mais feliz que a dos humanos.

<sup>16</sup> *O burro*, de Luciano e o *Burro de ouro*, de Apuleio (c. 124-c. 170 d.C.), imitação da obra anterior.

<sup>17</sup> Texto anónimo que parodia a literatura jurídica latina, datado provavelmente do séc. IV d.C. S. Jerónimo refere particularmente, no prefácio aos *Comentários sobre Isaías*, 12, que fazia rir os alunos da escola.

<sup>18</sup> ERASMUS, Desiderius. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Annotata Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) Ord. IV. T. 3*. Amsterdam: Horth Holland, 1979, p. 17.

<sup>19</sup> Cf. PEASE, Arthur S. Things without Honor. *Classical Philology*, Chicago, v. 21, n. 1, p. 28-29, jan.1926. Pease também distingue o elogio paradoxal de alguns dos seus parentes próximos: narrativas como pseudo-épica homérica “Combate das rãs e dos ratos”, fábulas, epigramas, *suasoria*, e *controversia* (p. 34). Esta forma literária foi praticada num período alargado que transcorre do séc. V a.C. ao séc. IV d.C., mas são poucos os exemplos de elogios paradoxais da época clássica que chegaram até aos nossos dias.

<sup>20</sup> Busíris: cf. n. 8. Fálaris: cruel tirano siciliano (670-594 a.C.) de que Luciano fez o elogio.

como no interesse de Erasmo no recurso à verdadeira retórica para promover o Cristianismo genuíno). Horácio é frequentemente citado para criar uma aura de senso comum urbano. Aulo Gélíio e Plínio para trazerem breves notas de comicidade e alguma evidência “científica” ao texto. São, no entanto, três os autores que se destacam: Platão, por algumas ideias e imagens que atravessam a obra, Aristófanes e, sobretudo, Luciano, por contribuírem para o caráter espirituoso e vívido da heroína<sup>21</sup>.

Pese embora a influência da cultura clássica no *Stultitia laus*, o precedente de colocar a Loucura a falar como uma personagem dramática e a rica matriz de significados parcialmente contraditórios que a noção de louco tem na época erasmiana remontam não a fontes clássicas, mas sim à tradição medieval que floresceu durante o tempo do humanista. A conceção dual do louco/tolo medieval, o louco/tolo em desgraça como pecador irresponsável e o louco/tolo que triunfa sobre a suposta sabedoria do mundo fornece as bases para as várias modalidades de ironia presentes no texto<sup>22</sup>.

Já referimos que Erasmo compôs a obra para sua distração, “por divertimento” (*visum est Moriae encomion ludere*), conforme refere na carta prefácio a More, assumindo-a como uma “declamaçãozita” (*declamatiunculam*), uma simples lembrança oferecida ao seu insigne amigo inglês (*Hanc igitur declamatiunculam non solum lubens accipies [...] tui sodalis, EL: 17*). O livrinho não tem a envergadura de outras obras erasmianas como o laborioso projeto de edição e tradução do Novo Testamento Grego – que virá a lume cinco anos depois de *Moria* e que apresenta o texto grego, a tradução de Erasmo e a tradução Vulgata, acompanhada de anotações respeitantes aos textos grego e latinos – ou as suas edições de autores clássicos e dos Padres da Igreja. Ainda assim, à exceção dos *Colloquia* e do *De copia* nenhuma das suas obras foi tão extensamente lida e traduzida como *Moriae encomium*, quer logo no século XVI, quer posteriormente<sup>23</sup>. Foi ainda uma das mais controversas, se não a

---

<sup>21</sup> Na verdade, quer Aristófanes, quer Luciano apresentam exemplos de auto-elogio. Aristófanes, quando coloca a Pobreza a fazer o elogio paradoxal de si própria na comédia *Pluto* (507-610); o outro exemplo, referido pela própria Loucura na obra em análise, é o primeiro elogio de Faláris, em que o tirano siciliano fala dos seus próprios feitos.

<sup>22</sup> Para uma análise circunstanciada da influência medieval, ver ERASMUS, Desiderius. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) Ord. IV. T. 3*. Amsterdam: Horth Holland, 1979, p. 21-24.

<sup>23</sup> *O Elogio da loucura é hoje o livro mais famoso de Erasmo. Em 1536, já contava 36 edições em latim e apenas tinha sido suplantado pelo De copia verborum et rerum libri duo (1512), na altura um livro escolar extremamente popular que ultrapassava as 80 edições. Cf. GULIK, Egbertus van. Erasmus and his books. Canada: University Toronto Press, 2018, p. 118. Na realidade, a maioria das edições quinhentistas de Erasmo presentes nas bibliotecas portuguesas são edições de autores clássicos ou cristãos, nomeadamente Séneca, Plínio, Cícero, os Disticha Catonis, S. Jerónimo, Cipriano e Agostinho, e o Novum Testamentum de Erasmo. Seguem-se os textos usados em contextos educacionais, como tratados retóricos e compilações de que são exemplo o já referido De duplici copia verborum, De constructione octo partium orationis e Paraphrasis in elegantias Laurentii Vallae. O terceiro grupo incluía as obras literárias e morais como o Enchiridion militis christiani (apenas cinco cópias em Portugal) e as Epistulae; do Moriae encomium apenas duas cópias subsistem. Este pequeno conjunto de obras atesta também a ação da censura; nenhum título incluído neste grupo e publicado após 1555 entrou em Portugal e o próprio Erasmo foi aqui considerado auctor damnatus (1554-1555). Em comparação com outros países da Europa, como a França por exemplo, Portugal parece, no entanto, ter sido bastante recetivo e tolerante em relação a Erasmo. Cf. DEBUJANDA, J. M. Index de l’Inquisition Portugaise: 1547, 1551, 1561, 1564, 1581. Serbrooke, Québec: Centre d’Études de la Renaissance, 1994, p. 11-19 e FOUTO, Catarina Barceló. Diogo de Teive’ Institutio Sebastiani Primi and the Reception of Erasmus’ Works in*

mais controversa, e das que gerou críticas mais acérrimas por parte dos seus inimigos, quer protestantes, quer católicos, por a entenderem ofensiva, corrosiva e demolidora.

A estes ataques Erasmo replica defendendo a sua *Mória*. Fá-lo logo à partida na referida *Ep.* 222<sup>24</sup>. Aí responde a duas acusações que prevê ser-lhe-iam dirigidas, fornecendo contra-argumentos endereçados não especificamente a More (como Erasmo fez notar), mas ao leitor em geral. À acusação de que esta “nova” forma de escrita era assaz trivial para um académico sério, respondeu citando precedentes clássicos, como já vimos, insistindo que até um estudante atilado tem o direito à evasão ocasional e despreocupada, e justificando que a futilidade da obra é meramente aparente uma vez que tem como objetivo instruir e promover ideias sérias. À acusação de que a sua sátira era excessivamente corrosiva para ser consentânea com a caridade cristã, Erasmo escuda-se em S. Jerónimo. Destaca que, ao contrário do famoso Padre da Igreja, não personaliza indivíduos, que pretende atingir os vícios de todos e que se alguém se sente ofendido é porque “reconhece a sua culpa ou pelo menos o seu medo” (*Is aut conscientiam prodet suam, aut certe metum, EL:* 18-19).

Não obstante, certo é que as críticas ao livro foram recorrentes, culminando com a sua inscrição nos índices expurgatórios quinhentistas. Em 1527, Erasmo foi informado da condenação de *Moria* por parte dos teólogos parisienses dado não ser conforme com a fé e a moral cristãs (*Ep.* 1784, ll. 5-8). Em 1542 e 1543, a Sorbonne acrescentou oficialmente o *Moriae encomium* à lista de livros defesos e repetiu esta condenação em 1544, 1547, 1551 e 1556. Nos Países Baixos, a crítica foi mais complacente: dos três índices de Lovaina (1546, 1550 e 1558), apenas o último refere o humanista de Roterdão e apenas uma das suas criações literárias<sup>25</sup>. Em Itália, *Moria* esteve inscrita nos índices de Milão e Veneza (1554), de Paulo IV (1559), de Trento (1564), de Sisto V (1590) e Clemente VIII (1596)<sup>26</sup>. Desde a sua fundação em 1478, também a Inquisição espanhola manifestou grande interesse pelos livros que acreditava poderiam induzir heresia nos crentes e a obra erasmiana não foi exceção. Se *Stultitia laus* não surge no primeiro índice de Valdés (1551), aparece no segundo (1559), e posteriormente no índice do Inquisidor-geral Quiroga (1583). Em Portugal, a obra figura em todos os nove índices no séc. XVI: em sete é referida pelo nome (1547, 1551, dois em 1564, dois em 1581, e 1597); em dois foi simplesmente incluída na *Opera omnia* (1559 e 1561).

Apesar de ser uma das obras mais controversas de Erasmo, se não a mais controversa, o livro cresceu em impressões, adições e revisões, desde a *editio princeps*<sup>27</sup>. Antes da morte do humanista já tinha sido impressa em 21 casas de impressão diferentes, em 11 cidades distintas, incluindo Veneza, Florença, Basileia, Lyon, Paris, Estrasburgo, Colónia, Deventer e Antuérpia. Tinha passado pelas mãos de

---

Portugal. In: BERBARA, Maria; ENENKEL, Karl A. E. (Eds.). *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden: Brill, 2011, p. 140-141.

<sup>24</sup> Defesa para a qual vai também pedir apoio diretamente a More, no final da carta.

<sup>25</sup> Referimo-nos a *De sarcienda ecclesiae concordia*. (*Sobre a concórdia da Igreja que deve ser reparada*, Basileia: Johannes Froben, 1533).

<sup>26</sup> Cf. ERASMUS, Desiderius. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) Ord. IV. T. 3*. Amsterdam: Horth Holland, 1979, p. 28.

<sup>27</sup> A 1.<sup>a</sup> ed., saída dos prelos de Gilles de Goumont e Jehan Petit, em Paris, não tem data, mas é possível datá-la de 1511 pela informação constante na carta de Erasmo a Martin van Dorp (*Ep.* 337, ll. 137-141).

impressores famosos como Matthias Schurer, Josse Bade van Assche, Aldus Manutius, Johan Froben, Dirk Martens e Sebastian Gryphius. Aumentara em tamanho (17%) devido a inúmeras adições e fora submetida a sete revisões<sup>28</sup>.

Poucas obras de Erasmo foram traduzidas com tanta frequência logo em Quinhentos como *Moriae encomium* (os únicos rivais são o *Enchiridion* e algumas partes dos *Adagia* e dos *Colloquia*). Relembremos as primeiras traduções para avaliarmos sumariamente a projeção europeia da obra assim que saiu dos prelos (historiar as várias traduções de *Moria* em várias línguas ou mesmo só em português até à atualidade seria uma tarefa hercúlea, impossível e, no limite, de pouca utilidade). A primeira tradução de *Stultitia laus* data de 1512, da pena do humanista checo Řehoř Hrubý z Jelení (Gregorius Gelenius). Ainda na década de vinte saem duas traduções francesas, da mão de Jean Thenaud (1517) e de um anónimo (1520). Até cerca de meados do século vêm a lume a tradução alemã de Sebastian Franck (1534), italiana de Antonio Pellegrini (1539), inglesa de Sir Thomas Chaloner (1549) e holandesa da responsabilidade de Johan Geylliaert (1560)<sup>29</sup>. Recentemente foi publicado um manuscrito anónimo, com uma tradução espanhola de Seiscentos, que na realidade é uma cópia de uma versão anterior de meados do século XVI<sup>30</sup>. A primeira tradução portuguesa é em boa verdade mais uma versão parafrástica do que propriamente uma tradução. De autoria igualmente desconhecida, é muito possivelmente proveniente do meio intelectual eborense e publicada entre 1596 e 1605. Referimo-nos a *Os Louvores da Parvoíce*. O manuscrito evidencia, por um lado, um desinvestimento em relação ao legado clássico, banalizando e depurando as referências a autores, *exempla* e figuras mitológicas da literatura greco-romana, por outro suprime as críticas à Igreja e às suas práticas religiosas, presentes no texto de Erasmo<sup>31</sup>. O objetivo parece ser não tanto o uso subversivo e heterodoxo de *Moriae encomium*, mas antes a manutenção do respeito devido à hierarquia eclesiástica vigente<sup>32</sup>.

Quanto à nossa tradução, optámos por incluir o texto latino em paralelo. Trata-se de uma edição bilingue e comentada (215 pp.) que, a nível da estrutura, apresenta introdução, tradução justaposta (texto latino/tradução em português), obras de referência, lista de abreviaturas (de autores clássicos, patrísticos e medievais, e da Bíblia) e índices (onomástico e de palavras gregas), como é comum em obras desta natureza. O texto latino é o da edição mais abalizada de *Moria*: a

<sup>28</sup> Sobre as várias adições e revisões veja-se ver ERASMUS, Desiderius. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata* (= ASD) Ord. IV. T. 3. Amsterdam: Horth Holland, 1979, p. 29-36.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 6-11 e LEDO, Jorge; DEN BOER, Harm (Eds.). *Moria de Erasmo Roterodamo: A Critical Edition of the Early Modern Spanish translation of Erasmus's Encomium Moriae*. Leiden: Brill, 2014, p. 6-11.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 8-48.

<sup>31</sup> CURTO, Diogo Ramada. Os Louvores da Parvoíce. *Península: revista de estudos ibéricos*, Porto. n. 1, p. 191-200, 2004, p. 195.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 199. *Como curiosidade, recordemos que o humanista português Aires de Barbosa (1456?-1530?) escreveu Antimoria (Antimória, 1536) – o seu maior poema em hexâmetros dactílicos (616 vv.). No prefácio desta obra – que dirige ao seu patrono e antigo discípulo, o Cardeal-Infante D. Afonso, e onde explicita as razões que o levaram a escrever o seu poema contra o Elogio da loucura – Barbosa refere que Moriae encomium “anda agora em todas as mãos” (quod nunc cunctis est in manibus). Cf. BARBOSA, Aires. *Antimória de Aires Barbosa, Lusitano: fixação do texto latino e tradução*. In: PINHO, Sebastião Tavares; MEDEIROS, Walter de (Eds.). *Portvgaliae Monvmenta Neolatina vol. XIII – Aires Barbosa Obra Poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 222-223.*

edição crítica de Clarence H. Miller – publicada em 1979, constante da *Opera omnia* (=ASD) de Erasmo –, que segue a versão final do texto aprovado pelo humanista, a edição de 1532 (H). A edição de Miller inclui uma introdução e apresenta o texto latino (sem tradução) acompanhado de aparato, onde é possível compulsar as variantes das outras sete edições em que Erasmo teve intervenção, e respeita a disposição contínua do original erasmiano<sup>33</sup>. Seguimos o texto desta edição, mantendo, no entanto, a divisão em capítulos, introduzida nas edições de Setecentos, na procura de uma maior comodidade de leitura e legibilidade. A tradução, à direita, acompanha o texto latino, à esquerda, como é habitual nas edições bilingues, por forma a assegurar que a correspondência do português com o latim e vice-versa possa ser questionada e verificada com facilidade pelo leitor, em função do seu maior ou menor domínio da língua latina.

Erasmo dominava profundamente o latim e o grego<sup>34</sup>. Como já referimos, traduziu o Novo Testamento (1515), apresentando uma edição com o grego, o latim da Vulgata e a sua tradução acompanhada por notas, edição que gerou controvérsia, nomeadamente por apresentar, em alguns passos, propostas de tradução diferentes das da Vulgata jeronimiana. O seu latim é pautado aqui e ali por expressões e termos em grego e muitos nomes próprios. A edição portuguesa mantém, claro está, o manancial de palavras gregas (e duas em hebraico) nos respectivos alfabetos, em conformidade com o texto fonte, que foram traduzidas e destacadas em itálico na tradução<sup>35</sup>.

Optámos por apresentar as notas, um conjunto considerável de 530, no final da tradução para não onerar o texto com um aparato extenso. As notas são de três tipos:

1. generalistas, para um público não especialista. Ex.: n. 5 “Mória é o nome grego para loucura.” (p. 155) e
2. específicas, para um público especialista. Neste caso incluem-se as notas que:
  - 2.1. exemplificam as fontes da cultura clássica utilizadas por Erasmo. Ex.: n. 271 “Cf. Virgílio, *Aen.*, VI, 625-627.” (p. 173);
  - 2.2. demonstram as remissões bíblicas e medievais. Exs.: n. 403 “Mt., 5, 13.” (p. 182); n. 504 “S. Jerónimo, *In Iesa.*, I, 2, 12; *Is.*, 9, 4.” (p. 186); n. 518 “Provável alusão a S. Bernardo que, sem se aperceber, terá bebido azeite em vez de vinho, segundo a

---

<sup>33</sup> Um projeto que decorre desde 1960 sob os auspícios da Union Académique Internationale e da Académie Royale Néerlandaise des Sciences et des Sciences Humaines em estreita colaboração com o projeto canadiano “Collected Works of Erasmus” (CWE, ver Referências) que pretende facultar uma tradução inglesa com um comentário das cartas e textos erasmianos. Para outros critérios: ERASMUS, Desiderius. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) Ord. IV. T. 3*. Amsterdam: Horth Holland, 1979, p. 39-40.

<sup>34</sup> Jerónimo relembra na carta 125,12 (em 411) os seus esforços para aprender hebraico, língua que começou a estudar durante o período em que viveu em Antioquia. Afirma que, por várias vezes, esteve a ponto de desistir por a língua ser difícil, mas que não o fez. O conhecimento de hebraico vai ser-lhe essencial, nomeadamente para os seus trabalhos de exegese bíblica. Ver MARTINS, Maria Cristina; MARIANO, Alexandra de Brito, *Aspectos filológicos e tradutórios das epístolas XVIII e LVII de Santo Jerónimo de Estridão* (no prelo).

<sup>35</sup> Para a uniformização da grafia dos nomes próprios gregos e latinos para português, seguiram-se as obras de: PRIETO, Maria Helena; PRIETO, João; PENA, Abel. *Índice dos nomes próprios gregos e latinos*. Lisboa: FCG/JNICT: 1995 e GONÇALVES, Francisco Rebelo. *Vocabulário da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966; para os termos renascentistas e neolatinos consultou-se: HOVEN, René. *Lexique de la prose latine de la renaissance*. Leiden: Brill, 1993.

*Legenda aurea* colectânea de narrativas hagiográficas (c. 1260) reunidas pelo dominicano Tiago de Varazze (1226-1298).” (p. 187);

2.3. explicitam as remissões erasmianas para obras suas, como o caso dos *Adagia*. Ex.: n. 333 “Cf. Erasmo, *Adag.*, III, 5, 44.” (p. 177);

2.4. apresentam em alfabeto romano a transliteração dos dois hebraísmos presentes no texto latino ex.: n. 472 “mekášefim, em hebraico no texto.” (p. 185);

2.5. apresentam em alfabeto romano a transliteração dos grecismos (ou helenismos) que abundam no texto latino. Ex.: n. 484 “sophoús, no texto.” (p. 186).

O índice onomástico elenca ocorrências no texto da tradução (das notas, apenas foram contemplados nomes próprios caso já tivessem ocorrido na tradução, autores, títulos e abreviaturas de fontes) e convencionou-se:

- Incluir, na mesma entrada, a forma do singular e do plural. Quando ocorre unicamente uma delas, optámos pela forma respectiva;
- Anexar à entrada masculina as ocorrências na forma feminina;
- Inserir os nomes das obras subordinando-os, sempre que possível, às respectivas autorias. Quando o título da obra ocorre no texto da tradução, registou-se igualmente essa ocorrência.
- Organizar as referências compostas pela respectiva palavra de ordem na forma direta.

O índice de palavras gregas contempla substantivos e adjetivos tal como ocorrem no texto latino. Além de nomes gregos, anotam-se também os dois hebraísmos do texto, que surgem no fim. Veja-se a figura seguinte:

Figura 1 – Erasmo de Roterdão

caridade 91, 105, 111, 113, 115, 123, 127, 129	cigarra ..... 37, 161	καμαρίνιον ..... 102	οὐρανίου ..... 116
carneiros ..... 75	Cilícia ..... 111, 180	καπρούν ..... 62	παῖδες ..... 136
cartomantes ..... 141	cinábrio ..... 87	κατάραις ..... 94	παλιμπαίδας ..... 34
cartuxos ..... 129	cintos ..... 111	Κολοκά ..... 28, 38, 84, 96	παρεδόζους ..... 102
casa ..... 29, 47, 63, 81, 83, 89, 93	Cipiões ..... 99	κόρακα ..... 40	πασών ..... 24
casamento(s) ..... 29, 33, 47, 170	Circe ..... 36, 37, 157	κόροσκα ..... 40	πατήρ ..... 26
Cássio(s) ..... 51, 61, 143, 166, 169	círculo(s) ..... 101, 115	Κρονηίωνι ..... 102	πατρός ..... 28
Castigos ..... 89	ciros ..... 81	κέρυοντι ..... 28	πενταγλώττω ..... 136
Catão(ões) ..... 51, 53, 61, 166, 169	clareza ..... 57, 59	κύβος ..... 128	πίθηροι ..... 26
categoria ..... 75, 123, 125	classe 25, 27, 44, 49, 97, 127, 166, 167	κύριος ..... 128	πολυμήτης ..... 68
Catulo, <i>Carm.</i> ..... 155, 165, 187	Cláudio ..... 19, 157	κέρους ..... 62	πολυτεχνότατον ..... 96
cauda ..... 53, 123, 167, 182	colégio ..... 77, 81, 183	Κάμων ..... 30	πορφύρα ..... 26
cavalos(s) 17, 53, 65, 67, 79, 81, 121, 125, 129, 167, 173, 174, 183	combate(s) ..... 51, 81, 87, 156, 165	λατρός ..... 64	προβάτειον ..... 142
caverna(s) ..... 29, 87, 147, 174	comédia(s) 17, 39, 57, 59, 155, 156, 159, 163	λειριόσσαν ..... 34	πύκτος ..... 26
cebolas ..... 29	Antiga ..... 17, 39, 156	λεοντή ..... 26	ρύποντας ..... 62
cego(s) ..... 29, 45, 55, 77, 115	comediante ..... 31, 113	λεοντήν ..... 146	ρύσους ..... 62
cegueira ..... 99, 115	comerciantes ..... 93, 163	λεπτοεσχίαι ..... 102	σφοδρς ..... 142
censores ..... 19, 108, 109	Cómodo (Lúcio) ..... 166	Λήθη ..... 30	στοές ..... 72
censura ..... 39, 63, 139, 143	companheiro(s) 61, 111, 147, 157, 163	Λόγος ..... 106	σικίνη ..... 140
ceptro ..... 89, 95, 121	companhia(s) ..... 17, 31, 35, 131, 133	λόγος ..... 48	συμπεριφοραίς ..... 42
cérebro ..... 28, 29, 109	compasso ..... 83	λύρα ..... 52, 82, 116	συμπίπταν ..... 152
cerimónia(s) 85, 77, 89, 111, 119, 125, 127, 151	conclusão(ões) ..... 103, 109, 117, 153	μάρα ..... 136	συνήγορος ..... 140
cervos ..... 143	concupiscência ..... 41	μαδόντες ..... 62	τέλος ..... 152
céu 41, 57, 65, 79, 89, 91, 103, 105, 109, 113, 117, 137, 145, 151, 159, 163, 169, 171, 172, 174, 176, 180	condição 57, 59, 63, 65, 67, 75, 87, 119, 157	μεγαλορούτας ..... 120	τενέδος ..... 140
chacota ..... 49, 121	condimento ..... 33, 41, 43, 85	Μεσσηνία ..... 152	τετράδι ..... 128
charlatães ..... 23, 117	confiança ..... 85, 139	Μορύου ..... 38	τετραρέμματον ..... 108
chibata ..... 95	confissões ..... 113	μοχθηρούς ..... 68	Τριανή ..... 30
chicote ..... 67	conhecimento(s) 47, 55, 57, 65, 83, 85, 87, 123, 135, 147, 170	μύα ..... 70	ὕβριον ..... 134
Chipre ..... 91, 175	consciência ..... 69, 73, 139	μυρά ..... 26	ὕτιες ..... 38
Cícero ..... 51, 53, 73, 99, 115, 119	conselho(s) 29, 31, 41, 51, 53, 55, 69, 161	μυρός ..... 70, 152	ὕπνον ..... 30
<i>De amic.</i> ..... 164	constância ..... 85, 97	μυροφόρος ..... 26	φιλαυτία ..... 18, 28, 96
<i>De fin.</i> ..... 164, 168, 177	contágio ..... 36, 37, 122, 123, 146	μυρόστατοι ..... 26	φίλη ..... 116
<i>De nat. deor.</i> ..... 164, 173	contendas ..... 93, 107	μυρόστερος ..... 38	φιλόστητι ..... 28
<i>De or.</i> ..... 166, 174, 177	contra-regra ..... 57	νεανίειν ..... 62	φρονεῖν ..... 32
<i>De sen.</i> ..... 171	controversia(s) ..... 107, 141	νεφελιγέρτου ..... 30	φροντιστηρίαίς ..... 94
<i>Epist. Att.</i> ..... 171	conversa(s) ..... 17, 35, 53	νηπίος ..... 142	φως ..... 62
<i>Epist. fam.</i> ..... 183	convivado ..... 47, 61	νήσιος ..... 54, 130	χοίροι ..... 36
<i>Pro Rosc.</i> ..... 166	convívio ..... 41, 43, 131	οὐβός ..... 62	ψαλούς ..... 62
<i>Iusc.</i> ..... 163, 168	copistas ..... 125	ὄβρι μωπάτης ..... 30	ὄτα ..... 26
cidadão(s) ..... 53, 67, 121, 168	cor(es) ..... 23, 39, 40, 111, 184	ὄσιασεύς ..... 68	ὄψωμο ..... 140
cidade(s) 53, 55, 61, 83, 125, 162, 165, 167, 178, 183	coração(ões) 27, 41, 71, 77, 117, 119, 131, 135, 139, 153	ὄνος ..... 82, 132	ὤ ..... 114
ciência(s) 65, 67, 69, 73, 83, 105, 135, 143, 145, 179	coragem ..... 81, 127	ὄνιον ..... 26, 52	
		ὄνιον ..... 116	

Fonte: *Elogio da loucura*. 3 ed. Lisboa: Vega, 2016, pp. 200, 215 (trad. e ed. MARIANO, A.B.)

Atentemos, por fim, em escolhas e opções tradutórias em três capítulos diferenciados da obra:

I. Escolhemos traduzir o título por *Elogio da loucura*, em detrimento de *Elogio da estupidez*, por ser a fórmula consagrada na tradição bibliográfica portuguesa, ainda que a palavra latina *stultitia* (*stulticia* lat.med. e neolat.) signifique, na realidade, “estupidez”. Esta opção de tradução do termo latino é transversal ao longo da tradução, sendo que apenas uma ocorrência de *stulticia* foi traduzida por “estupidez”, por imperativo do contexto. Referimo-nos ao capítulo 35 momento em que o vocábulo é aplicado a interações animais.

Ex.: *qui ad brutorum ingenium stulticiamque quam proxime accedunt neque quicquam ultra hominem moliuntur.*  
[os menos infelizes] são os que se aproximam da **estupidez** natural dos animais, e que não tentam ir para além do que o ser humano é. (EL: 68-69)

II. Quanto ao verbo *deliro*, -as, -are, -aui, -atum e ao substantivo *delirus*, -i o critério foi distinto. Não sendo possível uniformizar a tradução e em momentos diferenciados do mesmo capítulo (13) traduzimos o verbo à letra, adequámo-lo à palavra *puer* e procurámos manter o jogo de palavras entre o verbo e o substantivo.

Ex.: *At isti iam delirant, inquit, iam desipiunt. Esto sane, sed istuc ipsum est repuerascere. An vero aliud est puerum esse quam delirare, quam desipere?* (EL: 34)  
*Alega-se, contudo, que deliram e enlouquecem: sem dúvida, pois é isso mesmo voltar à infância. Fazer disparates, agir sem juízo não é isso próprio da criança?* (EL: 35)

Ex.: *Itaque delirat senex meo munere. Sed tamen delirus iste meus interim miseris illis curis vacat, quibus sapiens ille distorquetur.* (EL: 34)

Por isso, o velho **desvairado**, deve isso à minha bondade e esse **desvario** liberta-o de todas as fastidiosas aflições que atormentam o sábio. (EL: 35)

III. Do capítulo 54 reproduzimos um excerto particularmente delicioso. Neste passo transliterámos a enumeração latina *Iesus, Iesum, Iesu*, dado que há no original uma referência direta à morfologia e declinação do termo *Iesus*, *-u*<sup>36</sup>, pelo que qualquer tradução para português tornaria ininteligível a compreensão do sentido do texto. A palavra grega é traduzida para vernáculo, como suposto; e ambas grafam-se em itálico na tradução. Por outro lado, mantivemos a tradução literal da expressão erasmiana *summum, medium et ultimum*, justificada também pela clara conexão entre o início de cada uma destas palavras e o fim do vocábulo *Iesus* nos três casos, destacada, aliás, pela individualidade das letras *s*, *m* e *u* no texto latino. A tradução procura manter o jogo intencional do texto erasmiano que é, na realidade, mais profundo, pois há uma analogia evidente com a expressão bíblica “princípio, meio, fim”; para que esta ligação ao referente original bíblico não fosse descurada, acrescentou-se uma nota à tradução (EL: 181, n. 380).

Ex.: *Auditus est a nobis alius quidam octogenarius, adeo theologus, vt in hoc Scotum ipsum renatum putes. Is explicaturus mysterium nominis Iesu, mira subtilitate demonstravit in ipsis literis latere quicquid de illo dici possit. Etenim quod tribus duntaxat inflectitur casibus, id manifestum esse simulacrum diuini ternionis. Deinde quod prima vox **Iesus** desinat in *s*, secunda **Iesum** in *m*, tertia **Iesu** in *u*, in hoc ἄρρητον subesse mysterium, nempe tribus literulis indicantibus eum esse **summum, medium et vltimum**.* (EL: 114)

Também ouvi um outro, mas esse octogenário é tão bom teólogo que o julgariam o próprio Escoto ressuscitado. Para explicar o mistério do nome de Jesus, demonstrou com uma subtileza admirável que tudo o que se podia dizer Dele estava encerrado nas próprias letras do seu nome. Esta palavra declina-se em três casos, o que é símbolo evidente da Trindade divina. A primeira forma, **Iesus**, termina em *s*, a segunda **Iesum**, em *m*, a terceira, **Iesu**, em *u*; isto encerra um inefável mistério: estas três letrinhas indicam, com efeito, que Jesus é o **sumo, o meio e o último**. (EL: 115)

## Considerações finais

Na tradução em análise procurámos respeitar a elegância do latim de Erasmo<sup>37</sup>, o rigor tradutório, mantendo a literalidade possível, por respeito e fidelidade ao texto original, em detrimento de uma tradução mais livre. A tradução sendo uma representação do texto noutra língua é, necessariamente, o espelho de

<sup>36</sup> Tal como se explicita em nota à tradução (pp. 180-181) a palavra *Iesus* declina-se em todos os casos, mas as desinências apenas apresentam variação em três: no nominativo (*Iesus*), no acusativo (*Iesum*) e nos restantes, i.e. vocativo, genitivo, dativo e ablativo (*Iesu*).

<sup>37</sup> A importância da *elegantia vs. eloquentia* para Erasmo e em particular na edição do Novo Testamento grego é analisada em pormenor por BOTLEY, Paul. Erasmus and the New Testament. **Latin Translation in the Renaissance. The Theory and Practice of Leonardo Bruni, Giannozzo Maneta and Desiderius Erasmus.** New York: Cambridge University Press, 2004, p. 131 et seq.

determinadas escolhas e opções metodológicas do tradutor, mas este não pode esquecer que deve fidelidade ao texto original, sem lhe reduzir os níveis de significação. A *veritas* (a fidelidade ao texto) é um dos conceitos fundamentais da teoria da tradução defendida por S. Jerónimo na sua carta a Pamáquio (*Ep. 57 do Corpus Hieronimianum*), texto onde se aduzem princípios fundamentais da moderna teoria da tradução do mundo ocidental (de grande importância sobretudo até ao séc. XVIII)<sup>38</sup>.

A carta é motivada pelas críticas que o famoso Padre da Igreja recebera pela sua tradução, do grego ao latim, de uma epístola que o papa Epifânio enviara ao bispo João de Jerusalém. Nesta carta S. Jerónimo advoga que diferentes tipos de texto devem ser traduzidos de modos distintos e defende que uma tradução que privilegie o sentido é a mais indicada para os textos literários que versam assuntos profanos (ao contrário da tradução das Sagradas Escrituras que deve centrar-se sobretudo na palavra). A inovação do estridonense, frente aos seus predecessores romanos, reside na atenção que faz derivar para o original, para o texto de partida. A *veritas* é, pois, o princípio norteador para aferir a qualidade de uma tradução literária, sem que simultaneamente possa significar literalismo em exclusivo, pois deve ser dada prioridade ao sentido do texto (*non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu*. Jerónimo, *Ep. 57, 5*). Para além da fidelidade ao original outros princípios foram tidos em atenção como o equilíbrio entre a clareza e a concisão (na procura de redução de ambiguidades, na seleção de uma entre as várias alternativas possíveis)<sup>39</sup>. Subjacentes a estas questões radicam, no entanto, outras que pensamos e esperamos não ter comprometido, nomeadamente o comando que o tradutor deve ter da língua de partida e da língua de chegada, o entendimento das diferenças entre o seu próprio contexto e o do texto original, bem como uma certa capacidade de projeção. Ao traduzir é sempre necessário criar uma ponte de sentido entre o texto de partida e o de chegada, e essa ponte é uma linha fácil de quebrar. Daí que a tarefa do tradutor seja complexa, exigente, meticulosa, solitária, mas também apaixonante, e que uma boa tradução seja um valor perene. Uma boa tradução é uma tradução a que voltamos sempre, que resiste ao tempo e que se afirma pela sua individualidade.

---

<sup>38</sup> S. Jerónimo tornou-se inclusive o santo patrono dos tradutores (dia 30 de Setembro). Veja-se S. JERÓNIMO. *Carta a Pamáquio. Ad Pamamachium de optimo generi interpretandi*. Tradução de A. Nascimento. Lisboa: Cosmos, 1995, p. 12.

<sup>39</sup> Ver também FONTANET, Mathilde. Ensino da tradução: em busca de um equilíbrio delicado. *Cadernos de Tradução*: revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, p. 59-74, 2016, p. 61-69.

## Referências

BARBOSA, A. *Antimória de Aires Barbosa, Lusitano: fixação do texto latino e tradução*. In: PINHO, Sebastião Tavares; MEDEIROS, Walter de (Eds.). *Portvgaliae Monvmenta Neolatina vol. XIII – Aires Barbosa Obra Poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 217-244, 334-341. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0617-0>>

BOTLEY, P. Erasmus and the New Testament. *Latin Translation in the Renaissance. The Theory and Practice of Leonardo Bruni, Giannozzo Maneta and Desiderius Erasmus*. New York: Cambridge University Press, 2004, p. 115-163.

CURTO, D. R. Os Louvores da Parvoíce. *Península: revista de estudos ibéricos*, Porto. n. 1, p. 191-200, 2004.

DE BUJANDA, J. M. *Index de l' Inquisition Portugaise: 1547, 1551, 1561, 1564, 1581*. Serbrooke, Québec: Centre d'Études de la Renaissance, 1994.

ERASMUS, D.. *Laus stultitiae, Moriae encomium*. Parisiis: Gilles de Gourmont, 1511. [Editio princeps] ed. eletrónica – Bibliotheca Augustana. Disponível em: <[http://www.hs-augsburg.de/~harsch/chronologia/lspost16/erasmus/era\\_enco.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/chronologia/lspost16/erasmus/era_enco.html)>

ÉRASME. *Éloge de la folie, Suivi de la Lettre d'Erasme à Dorpius*. Traduit par Pierre de Nolhac. Annotations de Maurice Rat. Paris: Garnier, 1936. ed. eletrónica – Itinera Electronica (Univ. Catholique de Louvain). Disponível em:

<[http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/erasme\\_elohe/](http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/erasme_elohe/)>

ÉRASME. *La philosophie chrétienne; L'éloge de la folie; L'essai sur le libre arbitre; Le ciceronien; La refutation de Clichtove*. Introduction, traduction et notes par Pierre Mesnard. Paris: J. Vrin, 1970.

ERASMUS, D.. *Moriae encomium, id est stultitiae laus*. In: MILLER, Clarence H. (Ed.). *Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) Ord. IV. T. 3*. Amsterdam: Horth Holland, 1979.

ERASMUS, D.. *The praise of folly and other writings: a new translation with critical commentary; selected, translated, and edited by Robert M. Adams*. New York: W. W. Norton, 1989.

ÉRASME. *Éloge de la folie; Adages; Coloques; Réflexions sur l'art, l'éducation, la religion, la guerre, la philosophie; Correspondance*. Edition établi par Claude Blum, André Godin, Jean-Claude Margolin et Daniel Ménager. Paris: Robert Laffont, 1992.

ERASMO DE ROTERDÃO. *O elogio da loucura*. Tradução de Berta Mendes. Prefácio e notas de Manuel Mendes. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 2000.

ERASMO DE ROTERDÃO. *Elogio da loucura*. Tradução e notas de Maria Isabel Gonçalves Tomás. 3. ed. Mem-Martins: Europa-América, 2002.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio de la estupidez*. Tradução de Tomás Fanego Pérez. Madrid: Akal, 2004.

ERASMO DE ROTERDÃO. *Elogio da loucura*. Tradução de Álvaro Ribeiro. 14. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2005.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio de la loucura*. Tradução de Elaine Sartorelli. S. Paulo: Hedra, 2008.

ERASMO DE ROTERDÃO. *Elogio da loucura*. Tradução e edição bilingue de Alexandra de Brito Mariano. 3. ed. Lisboa: Vega, 2016.

ERASMUS, D *Opus epistolarum*. Denuo recognitum et auctum per P.S.Allen et al. Oxonii: in typographeo Clarendoniano, 1906-1958. 12 v.

FONTANET, Me. Ensino da tradução: em busca de um equilíbrio delicado. *Cadernos de Tradução*: revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, p. 59-74, 2016.

FOUTO, C.B. *Diogo de Teive's Institutio Sebastiani Primi and the Reception of Erasmus' Works in Portugal*. In: BERBARA, M.; ENENKEL, K. A. E. (Eds.). *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden: Brill, 2011, p. 129-148.

GONÇALVES, F. R. *Vocabulário da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

GULIK, E. *Erasmus and his books*. Canada: University Toronto Press, 2018.

HOVEN, R. *Lexique de la prose latine de la renaissance*. Leiden: Brill, 1993.

KUDELLA, C.. Erasmus and the Sixteenth-Century *Respublica Litteraria*: Of Letters, Data, and Networks. Oxford: Cultures of Knowledge Seminar Series, nov. 7, 2013.

Disponível em: <[http://www.culturesofknowledge.org/?page\\_id=4472](http://www.culturesofknowledge.org/?page_id=4472)>

LEDO, J.; DEN BOER, H. (Eds.). *Moria de Erasmo Roterodamo: A Critical Edition of the Early Modern Spanish translation of Erasmus's Encomium Moriae*. Leiden: Brill, 2014.

PEASE, A. S. Things without Honor. *Classical Philology*, Chicago, v. 21, n. 1, p. 27-42, jan.1926.

PRIETO, M. H.; PRIETO, J.; PENA, A. *Índice dos nomes próprios gregos e latinos*. Lisboa: FCG/JNICT: 1995.

REVAH, I. S. *La censure inquisitoriale Portugaise au XVIe siècle*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1960.

RUMMEL, E. *Desiderius Erasmus*. In. ZALTA, E. N. (Ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Winter 2017. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2017/entries/erasmus/>>

SÁ, A.M. *De re Erasmiana: aspectos do Erasmismo na cultura portuguesa do séc. XVI*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1977.

S. JERÓNIMO. *Carta a Pamáquio. Ad Pamamachium de optimo generi interpretandi*. Tradução de A. Nascimento. Lisboa: Cosmos, 1995.

TAVARES, J. P. *Texto e tradução do poema Antimória e dalguns epigramas de Aires Barbosa. Separata do Arquivo do Distrito de Aveiro, n. 26, p. 9-82, 1960.*